

Quartzo

Titânio

I

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!
Este fora o lema que governara desde sempre o seu dia a dia.

A claridade intensificava-se num amanhecer cinzento, onde as nuvens tristes davam um ar pesado à imensidão do Lago Ontário que se avistava lá do alto do apartamento localizado quase no topo de uma das muitas torres de condomínios luxuosos de Toronto.

Encostado à parede adjacente à grande janela do quarto, ele observava o horizonte ao mesmo tempo que via a sua imagem reflectida no vidro. A sua visão desfocou o fundo para se centrar no reflexo, no rosto a ganhar rugas, o cabelo grisalho onde a tonalidade escura parecia perder cada vez mais terreno para a clara. Por mais que os músculos lhe dissessem o contrário, ele era um homem de meia-idade.

Baixou o olhar para o peito nu. Também ali os pelos brancos cresciam como ervas em vasos de flores. Sinais de velhice que procurou rebater, arrancando as linhas albas... Não valia a pena, por cada um que vencesse, outros dois cresceriam. Estava a ficar barrigudo, apesar de ter uma vida pouco sedentária. Mais um sinal da idade? Talvez.

Tornou a olhar para o exterior, a atenção arrebatada para uma pequena aeronave em linha de aterragem com a pista do Billy Bishop, um pequeno aeroporto situado na Centre Island, uma das ilhas frontais à cidade. O ruído dos motores mal se ouviu, tal era a capacidade isolante dos vidros do apartamento.

Perdeu-se em pensamentos, cego no manto de nuvens. Iria chover? Que lhe interessava isso? Uma embarcação afastava-se do porto, talvez para navegar nos canais entre as ilhas. Deixou de registar a vida lá fora. Pensou em si, no facto de estar a chegar aos cinquenta anos. A angústia dos últimos tempos regressou. Seria a tão falada crise da meia-idade?

Não se sentia velho. Nem mesmo quando se via ao espelho. Sentia-se... Como se sentia ele? Não sabia explicar. Era uma angústia profunda que lhe vinha sabe-se lá donde, algures dum lugar profundo na sua alma.

— Bom dia! — disse uma voz ensonada.

A sonoridade rouca feminina puxou-o para a realidade do interior. Na cama, uma cabeça meio encoberta pela cabeleira escura emergia entre os lençóis.

— Bom dia! — retribuiu ele num tom neutro.

O rosto estremunhado cravou os olhos nele. Ensonados, procuraram habituar-se à luz exterior.

— Estás bem?

Ele anuiu sem dizer uma palavra. Percebeu que não lhe apetecia falar. Voltou a encarar o exterior, o ambiente tão deprimente quanto a sua alma.

— É bem capaz de chover. — disse a voz feminina.

Era aquele tipo de frase que se dizia só para não se ficar calado.

Sentindo o movimento dela na cama, ele rodou novamente a cabeça e observou-a, vendo uma mulher escultural a sair dos lençóis completamente nua.

Sem preocupação em disfarçar a noite mal dormida, por culpa dele, ela desfilou todas as curvas do seu corpo perante o seu olhar, formas que pareciam ter sido criadas por um Leonardo Da Vinci. Não deveria ter mais de trinta anos e a expressão era intensa, como quem está sempre pronta a saciar o parceiro. Parou junto dele e deu-lhe um beijo nos lábios.

— Posso usar o duche?

— Estás à-vontade.

Ela sorriu, mordiscando o lábio.

— Queres fazer-me companhia?

— Obrigado. — recusou cortês.

A mulher assentiu sem demonstrar decepção ou satisfação. Virou costas e deslizou pelo soalho silencioso como se fosse uma pluma, desaparecendo na porta da casa de banho privada.

Ele retornou à observação da paisagem e a mente a divagar nas recordações, como um satélite velho que sai de órbita e perde a utilidade.

O som da água a correr foi a única coisa que se ouviu por ali. Ele nem se apercebeu disso até ao momento em que a mulher, que fora completamente sua nessa noite, desligou o chuveiro.

Viu as horas no *smartwatch* preso no pulso esquerdo. O seu cérebro reviu a agenda para esse dia. Teria uma manhã e uma tarde preenchidas, nada a que não estivesse habituado. Pegou no *smartphone* e abriu o *email* para ver se havia novidades. Algumas mensagens novas, nada de especial, e muita porcaria publicitária não solicitada. Posou o aparelho sobre a cómoda de linhas modernas no exacto momento em que ela saiu da casa de banho.

Não era assídua da casa ou da cama dele, mas dava a entender que não fora a primeira vez que ali estivera. Surgiu tal como chegara na noite anterior ao apartamento, saia curta e casaco formal que ele sabia só esconder o sutiã. Penteara o cabelo preso num rabo-de-cavalo para

disfarçar que não o lavara no duche. O rosto não estava maquilhado, o que não lhe tirava um grama de beleza. Sob o olhar atento dele, sentou-se na cama, cruzando as pernas de forma cativante e calçou os sapatos de salto alto. Por fim, levantou-se, encarando-o numa mistura de humor e sedução.

— Calculo que não me tenhas feito o pequeno-almoço.

— Nem para mim costume fazer.

— Então, está na hora de ir andando.

Ele não a demoveu, assim como ela não arredou pé. Faltava o último acto. Ele pegou na carteira e retirou algumas notas de cem dólares. Ela recebeu-as com agrado. Afinal, tudo não passava de uma transacção comercial, uma profissional do sexo que recebia o pagamento pelo empenho da noite intensa que proporcionara ao seu cliente.

— Queres que volte, logo? — sugeriu, guardando as notas na pequena malinha que usava pendurada no ombro.

— Quando quiser repetir, eu ligo-te. — contrapôs ele sem qualquer emoção.

Ela deu-lhe um último beijo e foi embora.

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

Logo que ouviu a porta do apartamento a fechar, ele caminhou para a casa de banho privativa do quarto, sentindo ainda o cheiro do perfume dela ali. Havia uma névoa ténue no ar e o ambiente era meio abafado, resultante do duche exageradamente quente que ela tomara. Quase de forma automática, enfiou-se na cabine e abriu o chuveiro, deixando a água quente tombar-lhe sobre o corpo.

Comprar amor, como ele lhe chamava, era o mais fácil. Claro que não comprava amor, estava a comprar sexo. Não havia qualquer amor envolvido naquela situação, a menos que se considerasse o amor delas às notas que recebiam. Não era qualquer uma que passava a noite com ele, não era qualquer prostituta que obtinha aquele grau de confiança. Houve alturas em não se preocupava com isso e contratava uma qualquer que lhe despertasse desejo. Um quarto de hotel, duas ou três horas, e estava resolvido. Porém, a idade cansou-o disso. Preferia fornecedoras habituais ao invés de pagar à primeira puta que lhe aparecesse. Por isso, agora, tinha uma lista com uma dezena de nomes, mulheres com idades entre os vinte e oito e os trinta e três anos a quem ele ligava quando queria sexo e companhia.

A água massajava-lhe o corpo, percorrendo-lhe a pele como as mãos e os lábios de uma concubina eficiente. Pagar por sexo era o mais

cómodo, evitava cobranças, evitava discussões. Ele estava a pagar, a pagar bem, e havia um acordo tácito de que a palavra "não" era proibida. Faziam tudo o que ele queria, quando ele queria. E mais importante de tudo, nunca o rejeitariam.

A rejeição era o pior numa relação, numa paixão. O embate violento quando a pessoa que nos provoca um formigueiro no estômago, nos faz perder o apetite e o sono, nos acorda para a realidade de que não quer o mesmo que nós...

Aconteceu-lhe uma vez na vida. Há... Quantos anos foram? Foi antes de vir para o Canadá, por isso, já lá iam quinze ou dezasseis anos. Sim, estivera apaixonado, perdidamente apaixonado. E nem sequer fora rejeitado, pelo menos, não até certa altura. Amara aquela mulher com toda a essência do seu ser. Para quê? Para um dia ver o tapete ser-lhe puxado debaixo dos pés e ele cair com estrondo no chão da rejeição. Não precisava disso, não precisava de relacionamentos, não queria envolvimento sentimental com ninguém. Nada como pagar para ter uma mulher...

Então, porque sentia ele aquela angústia? Aquela solidão...

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

Foda-se! Então, onde se compra o medicamento para o que estava a sentir? Na verdade, nem ele sabia interpretar o que o perturbava.

Olhou-se ao espelho. Barbeara-se após o duche, penteara o cabelo grisalho e passara creme no rosto. Bolas, quando um homem se preocupa em passar cremes antienvelhecimento no rosto, algo está a padecer em nós. Vestiu uma das suas camisas caríssimas e o um dos seus muitos fatos *Ermenegildo Zegna*. Não gostava de usar gravata, mas ia ter algumas reuniões importantes. Calçou um dos pares menos caros da *Louis Vuitton* que tinha e sentiu-se pronto.

O quarto dava para um átrio quadrado com mais três portas, iluminado pela claridade proveniente da enorme sala do apartamento, cuja parede oriental era completamente de vidro e com acesso a uma varanda larga com vista para o Lago Ontário. As três portas correspondiam a mais dois quartos inabitados e uma casa de banho geral para uso das visitas inexistentes da casa.

Ele saiu com o casaco do fato na mão, tendo o cuidado de não causar qualquer vinco. Avançou para a sala com a atenção no ecrã do *smartphone*, lendo algumas das notícias do dia.

A sala era composta por um gigantesco sofá em U, o qual fora colocado frontalmente com um ecrã de proporções bíblicas, fino como uma

placa de gesso cartonado e equilibrado num tripé sobre um móvel de um metro de altura. Para lá deste, uma mesa rectangular em vidro para refeições que nunca aconteciam, acompanhada por meia dúzia de cadeiras confortáveis raramente utilizadas. O espaço prosseguia, sempre acompanhado pelos vidros que transformavam a parede numa espécie de tela fotográfica da maravilhosa vista do lago. Após a mesa, um balcão, uma espécie de ilha com um tampo em mármore claro, delimitava a divisão entre sala e cozinha. Junto a este, três bancos denunciavam ser ali que as escassas refeições eram ingeridas.

A cozinha era digna de um filme, tinha quase um aspecto futurista. Não faltava lá nada de aparelhos e equipamentos, mas para ele bastaria ter as portas dos armários. O uso que dava àquele espaço era um sacrilégio para qualquer *chef*. Os seus olhos procuraram a máquina de café, seria a única coisa a que se daria ao trabalho. O médico já o alertara várias vezes para uma alimentação mais saudável, inclusive que parasse de sair de casa sem tomar o pequeno-almoço. Ele não mudara nada.

Vivia sozinho, algo a que se habituara de tal forma que já nem considerava a possibilidade de ter outro ser humano a partilhar o seu espaço. Contornou o balcão e dirigiu-se à máquina do café. Porém, o som do telemóvel travou-o. Reconheceu o número. Era o seu advogado.

— Bom dia, Matt! — cumprimentou sem entoação.

O advogado era o seu homem de confiança para todos os assuntos legais, pago a peso de ouro, semanalmente, muitas vezes para nem precisar dele.

— Bom dia, Gabriel! — disse a voz austera do outro lado. — Já tenho o contrato que me pediste para analisar. Para quando precisas de um parecer? Até ao final da semana...

— Esta tarde, Matt. Preciso de um parecer até ao fim da tarde.

— Ok.

Desligou. Desistiu de fazer o café. Não queria perder mais tempo.

Gabriel era o seu nome, o nome daquele homem de meia-idade que vivia sozinho num luxuoso apartamento em Toronto com vista para o lago. Viera para o Canadá em trabalho, quinze anos antes, com uma proposta milionária para agenciar jogadores profissionais. Naquela altura, o seu rendimento já era fantástico, mas incomparável com a fortuna que fizera nos anos que se seguiram e que continuava a fazer. Ele era, apenas e só, representante de jogadores da MLB, a liga profissional de basebol, da NHL, a liga profissional de hóquei no gelo, da NBA, a liga profissional de basquetebol e ainda tinha alguns contactos privilegiados na NFL, a liga profissional de futebol americano. Por isso...

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

O trânsito citadino estava normal, nem mais nem menos que noutros dias. Gabriel conduzia um Ferrari F8 Tributo, automóvel que envergava o tradicional encarnado da marca italiana e chamativo como uma loura de minissaia num bar. Pouco antes de parar num semáforo, o telemóvel tornou a chamar. O sistema de áudio calou a *playlist* com as suas músicas favoritas e fez ecoar o toque estridente. Ele carregou no botão do volante que atendia as chamadas.

— Que me dizes a um jogo dos Blue Jays, logo à noite? — convidou a voz que saiu dos altifalantes, sem que antes houvesse um cumprimento.

Teve vontade de dizer que os Blue Jays eram a equipa mais imprestável de Toronto, mas não convinha dizê-lo a um importante director dessa mesma equipa. Os Toronto Blue Jays eram a equipa profissional de basebol da cidade.

— Não sei. Qual é o motivo?

— É preciso um motivo para ver os nossos campeões?

Alguém lhe explicasse que para ser campeão era preciso fazer aquilo... como se diz... ah... Ganhar? Pois, ganhar.

— Eu conheço-te. Esse convite tem água no bico.

— Ok, ok. Temos interesse em... Prefiro não falar por telefone. Queria conversar contigo sobre isso.

— Tudo bem. Ligo-te mais tarde, a confirmar.

Quando desligou, Gabriel já circulava na Bay Street rumo a norte. Com a celeridade que o trânsito lhe permitiu, virou à direita na Adelaide Street e alguns metros mais à frente, virou à esquerda, embrenhando-se no parque automóvel subterrâneo do Bay-Adelaide Centre onde se localizava o seu escritório.

Apesar de o Bay-Adelaide Centre ser um edifício de escritórios de grandes empresas, algumas a ocupar pisos inteiros e mais que um andar, Gabriel ocupava apenas um pequeno sector para o seu negócio, num dos pisos intermédios, partilhado com mais algumas pequenas empresas, um espaço com um gabinete privado, sala de reuniões e recepção. Contudo, fizera os possíveis para que a sua localização fosse a esquina do edifício, o que levava a que o seu gabinete tivesse duas paredes em vidro com vista para a cidade.

A recepção era composta por um balcão em madeira com metro e meio de altura, onde um jovem recebia quem entrasse, atendia o telefone, recepcionava o correio e apontava recados. Quando Gabriel procurara a

pessoa para ocupar aquele lugar, quis acima de tudo que fosse eficiente, organizada e trabalhadora. Mas, preferencialmente, um homem. Para si, havia coisas que não se misturavam, tal como o trabalho e o prazer, e a eventualidade de ser secretariado por uma funcionária esbelta poderia colocar isso em causa. Para além disso, simpatizara com o rapaz na entrevista, já que demonstrara ter um vasto conhecimento de desporto.

— Bom dia, Francis! — cumprimentou ao entrar.

Francis era natural do Quebec. Escusado será dizer que o seu desporto favorito era o hóquei no gelo. E não escondia o ser fervor em tornar a ver os Nordiques a disputar jogos na NHL. Deveria ter uns trinta anos, envergava roupas formais que nada pareciam ter a ver com ele e o cabelo estava sempre muito bem penteado. O rosto era simpático sem perder a expressão profissional.

O gabinete de Gabriel era amplo e espaçoso. A sua secretária situava-se na única parede que não tinha janelas nem porta, apenas um armário com gavetas, um pequeno bar, onde Gabriel guardava algumas garrafas de *whisky*, e uma estante com inúmeras fotos dele com muitos jogadores mundialmente conhecidos, algumas das maiores estrelas do desporto norte-americano. Qualquer um deles saberia bem quem era Gabriel e uma boa fatia percentual daqueles desportistas deviam-lhe os melhores contratos da sua carreira. A secretária era composta por um tampo robusto de madeira escura, sempre muito bem arrumada, quase sem pastas ou papeis soltos e apenas com o *laptop* solitário. Entre a estante e a mesa, um cadeirão confortável. Ele escolhera aquele posicionamento para poder ficar virado de frente para os vidros enormes que lhe permitiam ver o exterior de edifícios empresariais. No que sobrava de parede onde se localizava a porta do gabinete, somente um sofá longo e uma mesa rasa de apoio.

O estado de espírito sombrio permanecia em si. Numa passada lenta, caminhou pelo espaço até aos vidros, ficando a olhar para a rua, vendo pessoas e carros a movimentarem-se lá em baixo, sempre em stress. O silêncio à sua volta parecia irreal naquele cenário protegido pelas janelas insonorizadas que bloqueavam o ruído daquela que era, para si, uma espécie de mini New York. A recordação da cidade, quando ali chegara uma década e meia antes, veio-lhe à mente. Já era uma cidade com o rebrulço dos grandes centros urbanos mundiais, mas tinha agora muitos mais edifícios a arranhar o céu e a vida empresarial crescera exponencialmente, desde esse dia. O Canadá era outro mundo, mais evoluído, mais civilizado. Tivera alguns contratemplos a instalar-se, mas gostara do país, da cidade e das pessoas logo ao primeiro momento.

Os últimos tempos em Portugal haviam sido terríveis. Profissionalmente as coisas corriam bem, já era um agente desportivo com alguma influência e já fazia bom dinheiro com isso. Quando era novo, jogara hóquei em patins. Nunca fora muito bom nos estudos, excepto em Matemática e Inglês, disciplinas que pareciam talhadas para si. Apesar de ter algum jeito para usar o *stick*, cedo teve noção que o hóquei nunca poderia ser um modo de vida, o seu ganha-pão. Por isso, abandonou a modalidade quando deixou de estudar e começou a trabalhar como vendedor de carros num stand de automóveis. Tinha jeito para os números, sabia fazer negócios e adorava ganhar dinheiro. Passou para o ramo imobiliário e a ganhar ainda mais. Contudo, foi quando surgiu a oportunidade de trabalhar no mundo do desporto a representar jogadores que descobriu a sua verdadeira vocação.

Começara com o agenciamento de jogadores de equipas secundárias e em modalidades com menor expressão que o futebol. Nunca desistiu. E conforme os seus representados iam evoluindo na carreira, também o seu nome se projectava no meio. A sua carteira de agenciados engrandeceu e cada vez com mais jogadores de futebol. Antes dos trinta anos, Gabriel já falava regularmente com os presidentes dos principais clubes portugueses e alguns dos maiores da Europa.

O futebol sempre fora o seu desporto de eleição. Em miúdo chegara a sonhar ser jogador da bola, mas rapidamente percebeu que os seus pés eram como duas tábuas quando encontravam uma bola. Daí ter ido parar ao hóquei. Sendo o futebol o seu favorito e também a modalidade onde mais se movimentava, foi surreal encarar a proposta que lhe apresentaram para trabalhar no Canadá como agente de jogadores profissionais. Em Portugal era um nome de primeira linha. No Canadá, seria apenas mais um a trabalhar para uma grande empresa com outros seus iguais. Na altura, sentiu-se a regredir na carreira e esteve prestes a recusar, apesar da perspectiva de rendimento superar em muito aquilo que já conseguia amealhar. Contudo, *outros* factores o levaram a tomar a decisão que tomara, quinze anos antes.

O telemóvel tocou, despertando-o das recordações.

— Estão a tentar lixar-me, Gabriel.

— Calma, Tiivu. — pediu, reconhecendo a voz. — Que aconteceu?

Tiivu era um jogador finlandês de hóquei no gelo que fora contratado pelos Toronto Maple Leafs a uma equipa sueca. Os Maple Leafs eram a principal equipa de hóquei da cidade, uma das mais históricas da NHL e a segunda com mais títulos de uma competição com mais de cem anos e a mais emblemática de todo o Mundo daquela modalidade. Gabriel

era o empresário de Tiivu e fora ele quem tratara da sua transferência para a América do Norte. Segundo o hoquista, sem esconder a irritação na voz, o clube e o treinador estavam a ponderar enquadrá-lo nos Toronto Marlies. Isso significava que, em vez de jogar na melhor liga mundial, iria jogar na equipa de reservas que competia naquilo a que os americanos chamavam uma *minor league*, a AHL, ou seja, uma espécie de competição de jogadores jovens a tentar provar que tinham lugar na NHL. Claro que Tiivu achava que nada tinha a provar.

Gabriel sabia que não fora aquilo que ficara acordado. Tiivu não se iria mudar para o outro lado do oceano para jogar nas reservas.

— Eu falo com o General Manager, Tiivu. — descansou-o.

O finlandês agradeceu, mais calmo, ciente que Gabriel resolveria a questão.

Desligou a chamada e guardou o aparelho no bolso. Irritava-o que os clubes não cumprissem os acordos verbais. Sim, aquilo não ficara escrito no contrato, fora conversado e os directores dos Maple Leafs concordaram que aquele investimento não seria para desperdiçar na AHL. Só que depois o treinador mudou...

Teria de tratar do assunto, telefonando ao General Manager e combinar uma reunião com ele. Aquilo não poderia ser resolvido a falar ao telefone. Gabriel adorava os Maple Leafs, era adepto da equipa desde que chegara ao Canadá. Mas, isso não o obrigava a aceitar o desrespeito para com os seus representados.

Tornou a olhar para a rua. Não estava com paciência para problemas ou resoluções. Comprometera-se e cabia-lhe a ele reivindicar a concretização das expectativas de Tiivu, só que o seu estado de espírito sugava-lhe qualquer vislumbre de paciência para a solução. Se quisesse, poderia comprar vários Ferrari iguais ao seu, mas não encontrava lugar nenhum onde conseguisse comprar... paciência.

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

O vento soprava fresco pelas ruas da cidade.

Normalmente, faria aquele pequeno percurso de carro, mas estava a precisar de andar e o seu destino não era suficientemente longe para o demover de enfrentar a cacofonia populacional de Toronto. Saiu do edifício directamente para a Bay Street, orgulhoso com a constatação de como era uma pessoa importante ao ponto de conseguir que o GM dos Maple Leafs concordasse em recebê-lo ainda nessa manhã.

O Sol parecia despontar no céu cinzento, sendo que dificilmente conseguiria furar por entre os prédios. Só mesmo se incidisse numa linha paralela às longas ruas de Toronto é que o seu brilho chegaria aos passeios. Era por isso que as pessoas aproveitavam as praças e pracetas para permanecer alguns minutos.

O fluxo humano não era tão intenso como noutros horários. Mesmo assim, muita gente circulava por ali, desde turistas dos quatro cantos do Mundo até aos simples estafetas que transportavam documentos e encomendas entre empresas. A maior parte dos seres humanos traziam auriculares nos ouvidos, parecendo à primeira vista estarem a falar sozinhos. Na rua, Gabriel fazia o mesmo, caminhando com os seus *Galaxy Buds* inseridos nos ouvidos para atender as constantes chamadas de trabalho.

Estava com tempo. Numa passada calma, chegaria ao Scotiabank Arena, onde seria recebido pelo GM, em dez a quinze minutos. O tipo recebia-o com brevidade, mas não de imediato, daí que tivesse estipulado trinta minutos entre o telefonema e a reunião. Gabriel fez um desvio na Kings Street para passar pelo Starbucks na esquina daquela rua com a Yonge Street.

A loja estava praticamente vazia. Na sua frente, somente um casal de turistas e uma jovem com ar de universitária. Atrás do balcão trabalhava um jovem com trejeitos divertidos, extremamente afável. Gabriel comprou um *Cappuccino* dos grandes, pagando e sendo generoso na gorjeta.

Ao voltar ao exterior, a sua atenção foi captada para a porta do One King Hotel, no lado oposto da rua. Reconheceu a mulher sedutora de cabelos ruivos que saía do edifício, era uma das dez da sua lista. Ela vinha distraída, concentrada no telemóvel, mas algo a fez olhar para ele. Gabriel sorriu e acenou-lhe, não tinha qualquer complexo em reconhecer e ser reconhecido na rua por uma das *suas* profissionais do sexo. Ela retribuiu o sorriso e o aceno, tomando a direcção oposta à dele.

A depressão voltou a pressioná-lo. Podias comprar-lhe o corpo, o sorriso, os beijos, a companhia, o que ele quisesse... Fora isso, não estando a pagar, era um aceno cordial numa relação de fornecedor para cliente.

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!
Nem tudo se compra, talvez...

Evitou com esforço que a aura negra se abatesse mais sobre ele. Bebeu o líquido quente e apressou-se de volta à Bay Street, onde retomou

a direção sul. Prosseguiu numa passada constante, abstraído da sonoridade envolvente, uma vez que ligara a *playlist* do *Spotify* no telemóvel para o descontraír. Alcançou a Front Street, uma rua larga que se cruzava na sua frente. Aguardou que a sinalização dos peões lhe permitisse atravessar, cerca de dois minutos, e passou para o outro lado, encarando a enorme Union Station.

As muitas linhas ferroviárias entravam na estação, a oriente, por um viaduto que cobria a Bay Street na sua linha de alcatrão rumo ao lago, a qual só terminaria na Queens Quay, junto ao Harbour Square Park. Gabriel encontrou um aglomerado humano mais intenso, devido às obras, quando continuou por esse viaduto.

Toronto tinha aquela curiosidade, as passagens não eram simples passeios junto à estrada, eram semelhantes a corredores de edifícios, separados dos carros por vidros, o que protegia os transeuntes da poluição do ar e do som. Era mais um pormenor revelador de uma cidade com mentalidade muito evoluída.

Tornando a sair para o exterior movimentado de automóveis, Gabriel virou imediatamente à direita e ficou defronte da ScotiaBank Arena.

Naquele enorme pavilhão disputavam-se jogos de hóquei no gelo e basquetebol. A equipa de basquetebol eram os Raptors, a única canadiana a disputar a NBA, depois de Vancouver ter perdido a sua para Memphis. Gabriel também agenciava alguns dos jogadores dos Raptors e tinha muitas esperanças que, em breve, os Toronto Raptors se tornassem na primeira equipa canadiana a vencer a NBA.

Curiosamente, e sem ter essa intenção, parou exactamente sobre o emblema dos Raptors pintado no passeio daquela fachada. Confirmou as horas e avançou pelas portas giratórias.

II

O Sol voltara a desaparecer durante a tarde. Gabriel conduzia o Ferrari sem infringir qualquer regra, apesar de gostar que os cavalos andassem à solta.

A reunião correria bem. Não podia obrigar o *staff* técnico dos Maple Leafs a colocar Tiivu no gelo em todos os jogos, mas obteve um compromisso de que não seria exilado nos Marlies. Regressara ao escritório, informara o finlandês e viu-se envolvido em mais assuntos para tratar relativos aos seus jogadores, uma vez que se aproximavam os inícios das épocas de hóquei e basquetebol.

No entanto, a seguir a um almoço que não passara de umas sandes mastigadas à pressa, Gabriel abandonou o Bay-Adelaide Centre para um compromisso que nada tinha a ver com a sua profissão.

O potente motor do Ferrari ecoou na Bay Street. Os semáforos pareciam ter combinado todos em seu desfavor. O trajecto foi muito parecido ao que realizara a pé pela manhã, até entrar na Gardiner Expy, a via rápida que atravessava Toronto ao longo do lago, e permitir-se a pisar o acelerador.

Olhou para a direita, vendo o aproximar da CN Tower, uma das maiores torres do Mundo. Logo a seguir, reparou no Rogers Centre, o estádio onde a equipa de basebol, os Toronto Blue Jays jogavam, com a sua cúpula fechada. Calculou que ia chover. Os habitantes de Toronto há muito que se haviam habituado a ver no Rogers Centre uma espécie de boletim meteorológico, pois se a cúpula estivesse fechada era sinal de que a chuva visitaria a cidade, enquanto que se estivesse aberta isso representaria que os guarda-chuvas poderiam ficar em casa.

Ao longo dos anos no Canadá, Gabriel não evitara só os relacionamentos amorosos, também evitara amizades, fosse com homens ou mulheres. Optara pela via da solidão, uma vida independente de tudo e de todos.

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

Para quê tentar fomentar amizades? Para que serviriam amigos, a não ser para o incomodar e fazer perder tempo? E tempo livre era coisa escassa no seu dia a dia. Se quisesse ir beber um copo, ligava para um dos nomes da lista de dez. Se quisesse ir ver um filme ao cinema ou outro espectáculo a que não estivesse interessado em ir sozinho, ligava para um dos nomes da lista de dez. Na verdade, os únicos espectáculos em que

demonstrava interesse eram os desportivos e gostava sempre de ir sozinho, acabando por encontrar conhecidos que lhe colmatavam os tempos morto. Se quisesse ir jantar fora, ligava para um dos nomes da lista de dez. E ainda beneficiava do facto de, em todas essas ocasiões em que ligava para um dos nomes da lista de dez, terminarem na cama do seu quarto.

Se quisesse falar, se precisasse de desabafar, de alguém que o escutasse, que talvez lhe pudesse dar um conselho ou contrapor a sua visão dos factos, então, Gabriel ia ao encontro da pessoa a quem pagava para isso, um psicólogo a quem gostava de chamar de terapeuta para evitar o peso da palavra "psicólogo".

O doutor Phil vivia numa moradia num bairro familiar em Mississauga, uma localidade a oeste de Toronto da qual não distava mais que uns vinte quilómetros. Era um afro-americano nascido em Buffalo que, quando se formara, acabara por se radicar na região de Ontário. Cinquentão, Phil revelava um aspecto de sexagenário, mas o seu espírito e humor eram de trintão.

O gabinete onde recebia os pacientes era tão natural como a sala de estar de um qualquer apartamento. Naquele lugar, nada dava sinais de se tratar de um consultório ou sequer um escritório. As paredes eram beges, o tecto branco e o chão alcatifado, o que produzia uma sensação de paz a quem entrava. Várias fotos de paisagens bonitas emolduradas e penduradas compunham a decoração, onde o mobiliário era um sofá, uma poltrona, uma mesa baixa e um aparador comprido. Todo o espaço era iluminado de forma ténue pela claridade do exterior proveniente das janelas a que os canadianos apelidavam de "french doors". A vista era somente o relvado do jardim que envolvia a moradia.

Naquela tarde não havia muita luz a entrar, as nuvens persistiam em sobrevoar as margens do lago Ontário e seria uma sorte se não chovesse. Phil recebeu Gabriel com aquele sorriso acolhedor de sempre. Tinha um estilo muito próprio, envergando sempre uma camisa clássica, calças de bombazina e um colete sem mangas, como se tivesse deixado o casaco esquecido algures. Calçava sapatilhas, sempre sapatilhas.

O ambiente na sala era iluminado pela linha de luz suave das lâmpadas escondidas na sanca que rodeava o tecto da divisão. Para além disso, ao lado da poltrona, um outro candeeiro de pé enviava uma luz fraca que se destinava a apoiar o utente do assento.

Gabriel não retribuiu o sorriso, quase nunca o fazia. Não ia ali visitar um amigo, ia visitar o terapeuta, o que significava que estava com um problema e com poucos motivos para sorrir. Phil estava habituado a

isso e desvalorizou aquilo que poderia ser alguma antipatia do paciente. Gabriel entrou e percorreu o espaço em movimentos automáticos, já perdera a conta às vezes que ali fora, e sentou-se no sofá. Phil acompanhou-o e tomou o seu lugar na poltrona.

— Como te sentes, Gabriel?

— Na merda.

Parecia incompreensível que alguém com tanto dinheiro pudesse não ser feliz.

Ah... Havias de ter contas todos os meses e não ter dinheiro para as pagar.

Talvez assim soubesses o que é infelicidade.

Phil não fazia juízos, não lhe cabia julgar, apenas ouvir e ajudar.

— Continuas a ter episódios de angústia?

— Cada vez mais frequentes.

— A que é que achas que isso se deve?

— Esperava que me soubesses dizer, Phil. Afinal, é para isso que te pago.

Phil fez uma expressão paternalista.

— Já te disse várias vezes, Gabriel. Pode ser descrito como depressão, mas acho que tu sofres simplesmente de solidão.

— Podes passar-me uma receita com o medicamento? — questionou com sarcasmo. — Deve haver uma merda qualquer que se possa comprar para atenuar isto.

— Sim, podia receitar-te antidepressivos. — respondeu sério. — Mas, não me parece que a solução seja afogares-te em comprimidos.

Gabriel inclinou a cabeça para trás e olhou para o tecto.

— Ao ritmo que isto vai, ainda me vou afogar é no lago Ontário.

— Estás quase com cinquenta anos, Gabriel. Não achas que é tempo de abrandares a tua vida profissional e pensar em construir algo na tua vida particular?

Baixando o olhar, Gabriel encarou-o com um sorriso irónico.

— A minha vida privada vai muito bem, obrigado.

— Nota-se...

— Que sugeres, então?

— Que deixes alguém entrar no teu mundo.

Ouviu-se uma gargalhada de escárnio.

— Relacionamentos? Não preciso de relacionamentos, Phil. Quando preciso de *relações*, pego no telemóvel e... Tu percebes.

Phil abanou a cabeça, discordante.

— Sentes-te menos sozinho, quando contratas prostitutas para te aquecer a cama?

A expressão no rosto de Gabriel era uma mistura de irritação, desdém e prepotência.

— Costuma ser tão intenso que nem penso nisso.

Phil anuiu.

— Ok, ok. Então, deixa-me colocar isto de outra maneira. Tens noites de sexo intenso com mulheres fabulosas, não duvido, mas... Quando elas adormecem ao teu lado, o que é que sentes?

— Que preferia que se fossem embora.

— Porque não as mandas embora? Estás a pagar-lhes para fazerem o que queres.

— Pode apetecer-me repetir. — retorquiu escarminho.

— Ok. E quando acordas de manhã? Ela está ali ao teu lado. Sentes algum afecto por...

— Sinto que se ela já se tivesse ido embora quando acordo, isso seria perfeito.

— Desculpa dizer-te isto, mas tu não és capaz de sentir afecto por ninguém, Gabriel. Tu geres a tua vida como um negócio. Aquilo que precisas, compras. Não tens uma namorada, tens putas a quem pagas para foder. Não tens amigos. Pagas-me a mim para te ouvir e conversar contigo.

— Se isso te degradada...

— Não te faças de parvo, Gabriel. Sabes o que estou a dizer.

— Quanto menos gerires a tua vida de forma sentimental, menos sofres.

— Nota-se... Estás em claro sofrimento, em angústia. Porque não o admites? Estás infeliz porque te sentes completamente sozinho.

— Bom, acho que estás a exagerar. Lido com pessoas diariamente, eu...

— Quantas pessoas te telefonam quando fazes anos?

Gabriel emudeceu.

— Quantas pessoas te ligam a desejar um feliz Natal o um feliz Ano Novo? — insistiu Phil. — Aliás, já agora, quantas pessoas te ligam para falar contigo de alguma coisa que não seja trabalho?

O psicólogo foi fulminado pelo olhar de Gabriel.

— Vai-te foder, Phil!

O silêncio abateu-se sobre eles. Gabriel desviou o olhar para as *french doors*, enquanto Phil o ficou a observar impávido, paciente, aguardando que ele levasse o tempo que fosse necessário.

— Estou cansado, Phil. — acabou por dizer, suspirando.

— Não acredito que tenhas sido sempre assim, Gabriel.

Ele pareceu ponderar a questão. Evitou encarar o semblante de análise do psicólogo. Sim, ele nem sempre fora assim. E por mais que se recusasse a aceitar a razão, Gabriel sabia a causa.

— Nós já nos conhecemos há algum tempo. — lembrou Phil. — Nunca falaste muito sobre a tua vida em Portugal, antes de vires para o Canadá.

Gabriel ouviu as suas palavras com sensação que o outro lhe tocava com um dedo numa ferida aberta.

— Que tem isso a ver com o assunto, Phil?

— Tu demonstras sempre desconforto, quando o assunto se desloca para o teu passado que antecedeu a vinda para Toronto. Acho que aconteceu algo, nessa altura.

— Estás enganado. — negou pouco convincente.

O outro permaneceu em silêncio, observando-o. Gabriel percebeu que não o enganaria, nem a si se conseguiria enganar. Tinha dois caminhos, ia embora ou...

— Prefiro não me recordar disso. Foi há muito tempo?

— Alguma vez partilhaste o que aconteceu com alguém?

— Não.

— Sou pago para te ouvir, Gabriel.

— O que não quer dizer que te queira contar, Phil.

— Como queiras, Gabriel.

Novamente o silêncio. Phil aguardou com paciência de chinês. Era pago à hora, por isso, o outro poderia continuar ali caladinho as horas que precisasse. E Gabriel parecia estar em sintonia, pois não se mexeu e ficou com o olhar perdido no vazio. Por fim, disse:

— Tinha pouco mais de trinta anos.

III

Gabriel tinha pouco mais de trinta anos e a vida corria sobre rodas à velocidade estonteante do sucesso. Aquele dia fora um dos exemplos pelo qual valia a pena fazer o que fazia, ser agente desportivo e negociar a compra e venda de jogadores entre clubes.

Fora mesmo um dia fenomenal. Ao fim da manhã, fechara a transferência de uma estrela brasileira em ascensão no Brasil para o FC Porto, vindo do Palmeiras, um jovem de vinte anos que tinha meia Europa atrás de si. À tarde, negociara com êxito a venda do passe do jogador mais valioso do Benfica, o ponta de lança goleador, para o Real Madrid. Ambas significavam muitos milhares de euros de comissão.

Correra tudo tão bem que Gabriel sentia que não podia desejar mais nada e quase teve receio que algo de mau lhe acontecesse em contrapartida.

Naquela época, ele vivia no Parque das Nações, perto do rio. Quase sem tempo livre, os seus momentos de decompressão eram em caminhadas junto ao Tejo. Solteiro, bem-parecido, sem amarras, tinha relacionamentos esporádicos, namoros que duravam umas semanas até que ambos chegassem à conclusão que chegara a hora de seguirem caminhos diferentes, sem mágoas e sem cobranças.

Nessa noite, para descontraír, decidiu passar por um bar perto de Santa Apolónia, um lugar das suas preferências para beber um *whisky*, conversar com alguém conhecido e, eventualmente, engatar uma mulher disponível para sexo de ocasião. Porém, naquela noite, só queria relaxar num ambiente cheio de gente, desfrutar daquilo que a vista lhe oferecia, dialogar com um ou outro ser e... ir embora para casa descansar.

O ambiente estava fantástico, a música tocava alta, mas não tão alta que impedisse os clientes de conversarem. As mesas estavam cheias, gente bonita por todo o lado, sorrisos, expressões, gestos... Como qualquer espaço semelhante, a luminosidade era nocturna, luzes a criar uma mistura de luz e penumbra, deixando as mesas num enquadramento menos luminoso. Funcionárias escolhidas a dedo atendiam às mesas, elegantes e sensuais sem serem vulgares. Atrás do balcão, outras três a servir bebidas, sorridentes, afáveis, sedutoras, cativando para que a clientela quisesse mais e mais bebidas. Os únicos homens que trabalhavam naquele lugar eram os seguranças, tipos com o formato de um guarda-fatos envergando uma indumentária formal, quase como se fossem agentes secretos ao serviço de sua majestade.

Gabriel sentara-se ao balcão. Conhecia e era reconhecido por todas as funcionárias. Os seguranças também sabiam quem ele era e, ao contrário da grossa maioria daqueles que ali queriam ir, não era sequer interpelado ao entrar. As *barwomen* tratavam-no de forma melosa, retribuindo as gorjetas generosas que lhes deixava sempre. Para além disso, não era qualquer um que tinha o estatuto dele, um cliente com uma garrafa de *whisky* 18 anos, em seu nome no bar, só para si.

Naquela noite, ali estava, a pensar como o dia fora bom e que não poderia ser melhor. Tinha o olhar perdido nas dezenas de garrafas expostas na parede, quando, de súbito, alguém lhe tocou o braço esquerdo.

— Desculpa incomodar.

Gabriel virou-se para a voz. Viu uma mulher elegante, sorridente, de cabelos claros pelos ombros. O rosto era jovial, os olhos cor de amêndoa, o nariz singelo e a boca de lábios bem desenhados, pintados num tom rosado. Vestia uma camisa digna de uma escriturária e calças de ganga.

— Não incomodas. — acedeu ele, retribuindo o sorriso e notando que ela parecia estar um pouco "tocada".

— Olha, queria pedir-te um favor. Sei que parece estúpido, nem nos conhecemos. — Sim, decididamente, parecia já ter bebido para além da sua dose. — Não sei porquê, ali as minhas amigas — Apontou para um lugar qualquer que ele não acompanhou com o olhar, mantendo-o nela. — acham que tu és uma espécie de deus grego.

— Não sou grego, sou português. — retorquiu curioso.

— Whatever. — ripostou com um gesto de desinteresse.

— Em que te posso ajudar?

— Elas apostaram comigo que eu não era capaz de vir meter conversa contigo, seduzir-te e fazer com que saíesses daqui comigo. — Gabriel ouvia-a interessado. — Por isso, o que te quero pedir é que faças de conta que aceitaste o meu convite, eu vou buscar as minhas coisas e colectar a aposta, volto para aqui e vamos embora juntos. Lá fora, depois, cada um segue o seu caminho.

— E que ganho eu com isso?

A pergunta pareceu surpreendê-la, como se tivesse a certeza de que ele faria aquilo voluntariamente. Encolheu os ombros e não chegou a nenhuma conclusão.

— Fazemos assim. — propôs ele. — Saímos daqui juntos e podemos ir beber um copo a minha casa, que dizes?

O rosto dela endureceu. Ficou muito séria. O sorriso desapareceu como o Sol coberto por uma nuvem negra. As amêndoas fulminaram-no. A mão, que até ali estivera no braço dele, afastou-se. Não ficou qualquer

dúvida no ar que a proposta dele a ofendera, um golpe sujo a uma brincadeira dela com as amigas.

— Esquece. — disse num tom cortante. — Desculpa ter-te incomodado. — E virou-se para regressar à mesa das amigas.

Gabriel segurou-lhe o braço com gentileza. Sentindo o seu toque, ela tornou a disparar o olhar para ele, revelando uma expressão agressiva.

— Desculpa. — pediu Gabriel. — Agora fui um estúpido, um idiota.

Ela não alterou o semblante duro, fechado, mas não fez qualquer movimento para que ele a largasse ou continuar a afastar-se.

— Podes largar-me o braço, se faz favor? — solicitou com altivez. Gabriel soltou-a. Ela retornou à posição anterior. Quando tornou a falar, não existia na voz ou na face qualquer sinal de embriaguez. — Não ando à procura de engates. Foi apenas uma brincadeira das minhas amigas. Nem sequer foi interesse meu ou desculpa para meter conversa contigo. — Olhou-o da cabeça aos pés com desdém. — Elas podem achar-te um deus grego, mas não fazes minimamente o meu género.

— Ok, já percebi.

— Mais uma vez, desculpa ter-te incomodado.

— Espera.

Mesmo falando como se quisesse ir embora, ela continuava ali.

— Já te disse que fui uma besta. Peço desculpa por isso.

— Esquece.

— Deixa-me compensar-te. — Ela olhou-o com uma expressão torcida. — Já não estava a contar ficar muito mais tempo. Eu ajudo-te a *enganar* as tuas amigas. Vai buscar as tuas coisas e saímos daqui juntos. — Sorriu. — Depois, cada um vai à sua vida.

Mantendo o rosto antipático, ela anuiu e, dessa feita, afastou-se.

Gabriel chamou a funcionária. Disse-lhe que ia embora, entregou-lhe uma gorjeta generosa e despediram-se com um beijo na face. Quando saltou do banco onde estivera sentado, a desconhecida reapareceu com o casaco vestido e uma malinha pendurada no ombro. Ele percebeu que ela se virou de forma a que as amigas a vissem e sorriu para Gabriel de forma sedutora e interessada, um dos sorrisos mais falsos que ele alguma vez vira. Sem dizer nada, deu-lhe o braço e ambos atravessaram o espaço na direcção da saída.

— Obrigada. — agradeceu ela, quando já se encontravam na rua.

— De nada.

A noite estava amena e muito agradável. Tirando os seguranças do estabelecimento e meia dúzia de jovens que aguardavam oportunidade para entrar, não se via mais ninguém por ali.

— Tens carro? — indagou Gabriel.

— Não. Vou apanhar um táxi.

— Eu faço-te companhia, até que apareça um.

Ela observou-o curiosa. Gabriel notou-o como resultado de qualquer especulação que lhe iria em mente.

— Eu estou de carro, mas não te ofereço boleia porque não quero ser mal-interpretado. — Ela virou-lhe as costas, olhando para a rua, procurando vislumbrar a chegada de um táxi. — Posso ao menos perguntar o teu nome?

Ela tornou a encará-lo.

— Olga.

— Olá, Olga! — disse, estendendo-lhe a mão. — Eu chamo-me Gabriel.

Olga aceitou o aperto de mão e atenuou a expressão séria.

— Mais uma vez, desculpa, aquilo lá dentro.

— Já passou. E não precisas de ficar aqui à espera.

— Fico mais descansado se te vir ir para casa em segurança.

Ela esboçou um sorriso.

— Já sou crescadinha, Gabriel. Além disso, não tens que te preocupar com uma desconhecida que, depois de hoje, talvez nunca mais vejas na tua vida.

— Seja como for. A menos que a minha presença te incomode, prefiro aguardar contigo.

— Como queiras. — respondeu, encolhendo os ombros.

Ficaram alguns momentos em silêncio. Poucos carros passaram na rua e nem um táxi. Ao fim de alguns minutos, Olga voltou a falar:

— Se continuar assim, ainda aceito a tua boleia.

— Se quiseres...

— Vais para onde?

— Parque das Nações.

Ela fez um sorriso trocista, um sorriso que o derreteu.

— Vais exactamente para o lado oposto ao meu.

— Posso fazer um desvio. Onde vives?

— Oeiras.

— Eu levo-te.

— Não te quero dar ideias.

— Como queiras, Olga. — desistiu.

Enquanto esperavam, foram caminhando lentamente pelo passeio. Gabriel olhou para trás. Lá ao fundo, os jovens tinham entrado ou desistido com a oposição dos seguranças.

O silêncio instalou-se, não tinham assuntos a partilhar. O vento soprou leve, agitando os cabelos dela. Olga penteou-se distraída.

Vindos do fundo da rua, surgiram dois indivíduos com ar suspeito. Gabriel sentiu a tensão nela, quando reparou na aproximação deles. Temeu ser um alvo fácil para um assalto, caso Gabriel não estivesse ali. E mesmo com ele, não saberia o que os outros poderiam fazer. No entanto, os dois tipos olharam para eles de forma demorada, mas não pararam sequer e prosseguiram o seu caminho.

— Que terá acontecido aos táxis desta cidade? — questionou ela para o ar.

— Ainda é cedo. Só daqui a umas horas é que se lembram de passar por aqui para começar a recolher a debandada a sair dos bares.

— Acho que vou aceitar a tua boleia. — decidiu, falando num tom vulnerável. — Mas, é o segundo favor que me irás fazer na mesma noite. Este tenho de retribuir.

— Não precisas de retribuir, Olga. Não me custa nada.

— Deixa-me pagar-te um copo. — sugeriu. — Conheço um lugar catita, perto de Belém. Fica em caminho. Que dizes?

Meia hora mais tarde, estavam sentados, frente a frente, num bar em Belém. Olga ainda estava pasmada com o facto de ter vindo à boleia num Porche Panamera.

O lugar era muito mais tranquilo que aquele donde vieram. Não havia música ambiente, somente um lugar tranquilo onde as pessoas se agrupavam em mesas para conversar num tom suave, respeitando o princípio de não incomodar os restantes. Não estava cheio, bem pelo contrário, só metade dos lugares estavam ocupados. Um vidro gigantesco virado para o rio mostrava um cenário ponteadado de luzinhas na margem oposta e uma linha negra por onde a água corria eterna. Eles ficaram numa mesa mesmo junto ao vidro. Entre eles e o rio, um passeio largo que terminava na margem descendente empedrada.

Por momentos, ficaram a olhar-se curiosos. Dois copos eram os únicos objectos na mesa, um *whisky* de malte para ele, uma cola com gelo e limão para ela.

— Já bebi a minha conta por hoje. — dissera Olga, ao pedir a bebida.

— Não te preocupes. Prometo que, se ficares bêbada, não me aproveitarei de ti.

Ela rira e ripostara num tom acolhedor:

— Por estranho que pareça, acredito em ti.

Depois, o silêncio instalara-se. Não era desconfortável, era relaxante e uma espécie de descanso de duas almas que haviam tido um dia longo e stressante. Ambos olhavam para o exterior sem nada verem. Por fim, ele apanhou-a a olhar para si.

— Que se passa?

— O que fazes na vida? Não é qualquer um que tem um carro daqueles.

— Sou traficante de droga. — respondeu, simulando que falava verdade. O tom não deixava dúvidas. E ela acreditou, ficando pálida. — Estou a brincar contigo. Sou empresário de futebol.

Olga revelou um enorme alívio. A seguir, fez um sorriso escarninho.

— Engraçadinho...

— Havias de ter visto a tua cara.

Olga abanou a cabeça, era a sua vez de simular, aparentando ter ficado aborrecida com a brincadeira. Não durou muito e sorriu-lhe, dizendo:

— Na prática, realmente és um traficante, mas de jogadores.

— Nunca tinha pensado nisso nessa perspectiva.

— Vá lá, Gabriel, estou a exagerar.

— E tu, o que fazes?

— Sou investigadora científica.

— És cientista?

— Não é bem cientista, trabalho num laboratório. Faço parte de uma equipa de investigação que estuda tratamentos para doenças oncológicas.

Gabriel fez uma expressão de surpresa.

— Hum.... Estou impressionado.

— Não dá para comprar Panameras. — ripostou ela com humor.

— Mas, salvas vidas.

— Tento.

— Estou deveras impressionado. Aliás, confesso que me sinto fascinado contigo.

— Não abuses, Gabriel. Já te disse que não estou interessada.

Ele sorriu, um sorriso que ela considerava bastante atraente.

— Sentir-me fascinado por ti, não quer dizer que queira dormir contigo. — atirou ele, procurando reverter aquele quadro que lhe dava o papel de sedutor não correspondido. — O fascínio resulta daquilo que

fazes. É graças a pessoas como tu que existem tratamentos para doenças que eram incuráveis.

— Percebo. — compreendeu, fazendo uma espécie de "biquinho" com os lábios. — Mas, honestamente... Não queres?

— O quê?

— Dormir comigo?

— Não. — mentiu.

— E se eu quisesse dormir contigo?

— Ias dormir sozinha.

— Ena! — protestou, encaixando a rejeição. O rosto endureceu ligeiramente. — Para quem há pouco me convidava para um copo em sua casa...

— Convidei-te para um copo. Estamos aqui a beber um copo.

— Deixa-me adivinhar, também não faço o teu género?

— Para dormir, não.

— Qual é o teu género para dormir?

— Almofadas.

Olga soltou uma gargalhada deliciosa sem conseguir evitar chamar as atenções para si. Fez um ar envergonhado e olhou em redor como se pedisse desculpa.

— Então só dormes sozinho? — questionou divertida. — Não existe uma *miss Panamera* para te aquecer a cama?

— Achas que se não fosse solteiro, te teria convidado para minha casa ou estaria aqui a beber um copo contigo?

— Ui... Não sei como deva interpretar isso. — disse ela como se estivesse preocupada. — Se, agora, eu não for igualmente solteira, que irás pensar de mim?

— Não és solteira?

— Divorciada. — informou séria, ao fim de breves momentos.

Gabriel percebeu que o assunto era melindroso, talvez até recente, daí que talvez ela não o quisesse abordar.

— Ok. Somos os dois descomprometidos. — atalhou.

Olga fez um gesto revelador que isso poderia não ser totalmente verdade. Gabriel ficou confuso e permaneceu atento a ela, esperando um esclarecimento. Olga sorriu, era um sorriso nervoso, culpado, desconfortável.

— Tenho uma filha. — acabou por dizer sem respirar. — Por isso, não posso dizer exactamente que não tenho compromissos.

— Eu referia-me a não termos namorados.

— Eu sei. Mas, quis dizer-te isto. Quis que soubesses que tenho uma filha.

— Porquê?

— Porque é importante para mim. A minha filha é o que existe de mais importante na minha vida.

— Não ponho isso em causa, Olga. Só não entendi porque é tão importante para ti que eu saiba que tens uma filha.

Não houve resposta. Ela queria ter uma, sabia o que queria responder, mas não encontrou coragem e refugiou-se na observação dos desconhecidos.

Gabriel quebrou o silêncio:

— É recente?

— Recente?

— O divórcio.

— Estamos separados há três meses.

— É oficial?

— Como assim?

— Já se divorciaram legalmente?

— Nunca fomos casados, Gabriel. Vivíamos juntos. — Olhou para o vazio como se recordasse tempos idos. — Decidimos viver juntos, quando engravidei. — Ela parecia adivinhar-lhe as perguntas. — Não foi planeado, mas a gravidez foi recebida com muita felicidade por ambos.

— Que idade tem ela?

— Sete anos.

— Calculo que não esteja a ser fácil, a separação dos pais.

— Nada mesmo. Já tem idade para compreender as coisas e não aceita que os pais já não vivam na mesma casa. — Fez um sorriso triste. — Este fim de semana está com o pai. — O sorriso tornou-se irónico. — Claro que se assim não fosse, eu não estaria aqui. Que mãe seria eu a sair com as amigas e a deixar a miúda sozinha em casa?

— Não pensei que o fizesses.

— Eu e o pai da Íris mantemos uma relação cordial. Estamos a tentar fazer com que resulte pelo bem dela.

— A tua filha tem um nome lindo.

— Obrigada. Fui eu que escolhi.

Voltaram a silenciar-se e procuraram assunto na visualização dos restantes clientes.

Olga olhou para o relógio.

— Está a ficar tarde. É melhor irmos.

— Claro. — concordou ele, fazendo sinal ao empregado.

A noite continuava amena e agradável. Dava vontade de ficar ali, junto ao rio, sem pressas, a saborear o ambiente. Gabriel e Olga caminharam devagar em direcção ao local onde o automóvel ficara estacionado. Não disseram nada, mas ela tomou a liberdade de lhe segurar o braço.

Junto ao Porche, ele levou-a até à porta do passageiro e abriu-lha como um cavalheiro que era. Ela entrou, sorrindo-lhe. Quando ele contornou o carro e entrou para o lugar do condutor, ouviu-a dizer:

— Já não se vêem muitos homens a tratar uma mulher com a gentileza com que tu fazes.

— Estou a ser interesseiro, é uma forma de te tentar dar a volta.

Olga sorriu. Por estranho que pudesse parecer, conhecia-o há poucas horas, mas já era capaz de lhe descodificar as palavras, sabendo quando ele falava a sério ou com humor. Ali, percebeu que brincava, da mesma forma que entendeu a seriedade, no momento em que ele parou defronte do seu prédio e lhe disse:

— Gostava de te voltar a ver.

Ela não respondeu de imediato, como se ponderasse a questão. Contudo, olhou-o com um imenso calor amendoado, séria, intensa.

— Não sei... — hesitou, aproximando-se para se despedir com um beijo na face. — Não sei se será boa ideia.

— Porquê?

Olga beijou-lhe a face e segredou-lhe:

— Tenho medo de me deixar apaixonar por ti.

A confissão surpreendeu-o. Viu-a afastar-se, subitamente vulnerável, ficando a um palmo do rosto dele.

— Facilmente me apaixonaria por ti, Olga. E não tenho medo disso.

Houve um sorriso no rosto dela, uma expressão de agrado. Não disse nada, mas voltou a aproximar-se e beijou-o nos lábios.

Foi um beijo suave, uma exploração recíproca entre duas pessoas que se beijam pela primeira vez. Depois, tornou-se mais intenso, ao ponto de revelarem uma vontade imensa de se comerem um ao outro.

— Queres subir? — convidou ela, quebrando o beijo.

— Tens a certeza?

— Sem compromissos, Gabriel. Ambos o queremos e nada há que nos impeça de o fazer.

Gabriel surpreendeu-se pela forma como acordou ao fim da manhã de Domingo. Estava deliciosamente confortável na cama de Olga

com ela a dormir nos seus braços, ambos encaixados como se fossem uma concha. Sentia-se o homem mais feliz do Mundo. Fora uma noite maravilhosa, intensa, apaixonada, loucamente saborosa.

Olga continuava a dormir. Ele teve receio de fazer qualquer movimento que a acordasse. Beijou-lhe os cabelos e sorveu o aroma do seu corpo delicioso. Permitiu-se a recordar o corpo nu dela, as etapas lentas em que se foram descobrindo um ao outro. Não conseguia explicar, mas estava fascinado com ela.

Um movimento denunciou que começava a despertar. Acordou aturdida, quase como se não se lembrasse que aquele homem adormecera na sua cama depois de muito sexo. Estremunhada, virou-se e encarou-o com um sorriso. Beijou-o com ternura.

— Bom dia, Gabriel.

— Bom dia, Olga.

Olga olhou para as horas.

— Bolas, não pensei que fosse tão tarde.

— É Domingo, Olga.

— Tenho de ir buscar a minha filha a casa do pai.

— Eu posso levar-te. — sugeriu Gabriel.

Para sua surpresa, Olga fez uma expressão séria.

— Gabriel. — iniciou com seriedade e cuidado nas palavras. — Isto... *Isto*, entre nós. Isto é só sexo. É bom, muito bom. Mas, é só sexo. Não pretendo que seja só hoje, quero repeti-lo e espero que tu também queiras, mas... — Ele olhava-a, atento, algo confuso. — A minha filha é uma parte da minha vida ou não pretendo que entres.

— Porquê? — questionou.

Olhavam-se deitados, ainda abraçados. Ele sentiu aquilo como um golpe. Não foi capaz de se afastar, mas ficou magoado. Ela percebeu e procurou explicar-se o melhor que soube.

— Não quero que a presença de outros homens a confundam. Sei que procuras diversão, sexo...

— Espera um pouco. — interrompeu ele. — Como é que sabes o que procuro ou o que quero?

— Então diz-me. — pediu com ternura. — Esperas que nos tornemos um casal?

Gabriel ia a responder afirmativamente, mas algo o retraiu e o fez colocar a questão frontalmente:

— Sê sincera comigo, Olga. Tu e o teu marido.... Há hipótese de voltarem? Uma reconciliação?

— Não Gabriel. Foi muito grave o que ele fez. Não há volta, nem que ele fosse o único homem à face da terra.

Gabriel sorriu e teve a deliciosa, cruel e dolorosa certeza de que estava apaixonado por ela como, talvez, nunca tivesse estado por mulher alguma.

— Não quero só sexo contigo, Olga. Quero mais que isso.

— O que queres exactamente? — insistiu ela, num tom quase ríspido. — E não te esqueças que tenho uma filha.

— Quero amar-te. — confessou. — E não tenho problema nenhum em que tenhas uma filha.

— Não quero que a Íris volte a sofrer. Se eu permitir que atraveses essa linha, sei que irá sofrer se, daqui a uns tempos, perceberes que não é isto que queres.

— Vais ter de confiar em mim.

— Vamos com calma, Gabriel. — pediu carinhosa. — Hoje... Hoje, tu vais para casa e eu vou buscar a Íris.

— Como queiras. — retorquiu decepcionado.

— Concedes-me um pedido?

— Diz.

— Podemos continuar assim, por algum tempo? Só sexo?

Gabriel não respondeu. Ao invés, levantou-se da cama. Pareceu ponderar a resposta e acabou por dizer:

— Acho que no fim disto tudo, eu é que ainda me vou magoar. Não sei explicar como, mas esta noite, desde que nos conhecemos, senti que criámos uma química forte entre nós. Não consigo ver-nos apenas como dois adultos que se encontram para sexo. Sinto por ti, algo mais forte que isso. Se não posso ter isso, acho que é melhor ficarmos por aqui.

Para sua surpresa, Olga riu-se.

— É a primeira vez que um homem me rejeita completamente nu. — Ele ia protestar, mas ela fez um gesto para que esperasse. — Será como queres, Gabriel. Eu vou deixar-te entrar nessa parte da minha vida. Hoje vais conhecer a Íris. Mas, juro-te, se fizeres algo que a faça sofrer, hei de odiar-te para o resto da tua vida.

Íris era uma menina de sete anos alegre e sorridente. Tinha os olhos da mãe, o cabelo menos claro e uma fisionomia redondinha e fofa. Gabriel não acompanhou Olga quando ela foi buscar a filha ao novo apartamento do pai, ficando a aguardar ao fundo da rua. A pequena sentiu-se intimidada com o desconhecido, mas acabou por interagir cada vez mais com aquele novo amigo da mãe.

Gabriel não sentia qualquer incómodo com o facto de a sua namorada ter uma filha, mas também não via a criança como se fosse uma filha, só porque tinha uma relação com a mãe dela. Aliás, ele nunca sentira o chamamento da paternidade, nem os filhos alguma vez haviam sido um objectivo de vida. Para além disso, Íris não precisava que ele ocupasse o papel de pai, uma vez que o seu era bastante presente na sua vida, independentemente da separação com a mãe. Nem seria um suplente ou um substituto dele, caso o pai a decepcionasse de alguma forma. Partindo do princípio, tal como Gabriel desejava, que a relação com Olga duraria para o resto da vida, Íris seria uma amiga mais nova, a filha da sua paixão, alguém para quem ele estaria sempre disponível, sempre que ela precisasse de si.

Íris era uma criança adorável. Olga fizera um esforço hercúleo para ser o escudo que protegera a filha das mazelas da separação. Mesmo ferida e magoada com o homem com quem vivera sete anos e que a traíra, Olga manteve uma relação cordial com ele, quase uma amizade, mesmo que no seu íntimo não o quisesse ver à frente. Consequentemente, após o choque inicial, Íris encarou com naturalidade aquela realidade. Tal como foi achando normal que aquele amigo da mãe fosse visita constante da casa e dormisse muitas vezes no quarto da mãe, tal como o seu pai fazia quando lá vivia.

O passar do tempo criou laços afectivos entre Gabriel e Íris. Tal como ele não a via como uma filha, também a pequena não o via como um pai. Era o amigo da mãe, o Gabi, como ela lhe chamava porque tinha uma colega na escolinha que se chamava Gabriela e todos lhe chamavam Gabi. Ele não se importava. Para Gabriel também foi uma surpresa perceber que tinha algum jeito com as crianças. Participava nas brincadeiras dela, contava-lhe histórias e ripostava ao "Gabi" com um carinhoso "Arco-íris", que era como ele lhe chamava com ternura.

Ao longo de dois anos, a relação de Gabriel e Olga foi o paraíso. Faziam vidas independentes um do outro, nunca chegaram a colocar a hipótese de viverem juntos, mas Gabriel dormia frequentemente em casa de Olga. Por seu turno, quando Íris passava fins de semana com o pai, Olga mudava-se para o apartamento de Gabriel.

Apesar de o esconder, Gabriel tinha um certo ciúme dos encontros entre Olga e o pai da filha, mesmo que esses não durassem mais que o tempo necessário para deixar ou ir buscar a filha. Com o passar das semanas, esse ciúme, esse receio que ela pudesse voltar para o marido foi-se esfumando. E Gabriel sentiu a cada dia que Olga seria a mulher da sua vida e que envelheceriam juntos.

Olga e Íris tornaram-se uma parte muito importante da vida de Gabriel. Fora uma época em que ele se sentia completamente realizado, tanto na vida pessoal como na profissional. Costumava levá-las a viajar com ele, foi assim que Íris visitou a Disneylândia em Paris e que Olga concretizou o sonho de ir a Florença. As viagens de trabalho dele tornaram-se menos entusiasmantes porque ia sozinho e com uma saudade imensa da namorada e da pequena.

Sim, Gabriel não tinha dúvidas, era feliz.

Depois...

Não teve nada a ver, foi uma coincidência.

Ele era um empresário de futebol de muito sucesso, nada comparado com alguns tubarões empresariais que se moviam no meio e muito menos alcançava o estatuto daquele que chegaria a ser considerado o melhor empresário de jogadores de futebol do Mundo. Contudo, ganhava uma fortuna e era um homem muito rico. Entre os seus contactos, recebeu um convite para trabalhar no Canadá, numa agência de activos desportivos, para fazer o que já fazia e ganhar dez vezes mais. Não pensou duas vezes e recusou.

Gabriel não precisava daquele trabalho, nem se queria afastar de Olga ou impor-lhe uma mudança de vida desnecessária. Mesmo que ela estivesse na disposição de o acompanhar com a filha, não seria justo afastar Íris do pai, nem o pai da filha.

Nunca comentou a proposta com Olga. Contudo, o facto de se sentir tão seguro em recusar propostas milionárias em prol dela, fê-lo pensar que estaria na altura de a relação passar ao nível seguinte. Ao fim de dois anos de relação, Gabriel não tinha qualquer dúvida, queria casar com ela e iria fazer o pedido.

Em simultâneo, algo aconteceu. Para sempre seria recordado por si como o tempo em que subira ao Céu e rapidamente caíra no Inferno.

Fizera uma viagem a Itália para tratar de mais uma transferência de jogadores. Tal como sempre acontecia nestas viagens solitárias, telefonava a Olga e trocavam mensagens. Aquela não fora diferente, conversaram apaixonados e nada antevira o que se sucederia. Ele já era para ter feito o pedido de casamento, mas quis deixar passar o aniversário da pequena Íris para que uma novidade daquelas não retirasse protagonismo a um momento anualmente ansiado pela criança. Assim, o pedido aconteceria quando ele regressasse de Itália, uma vez que partira logo após o evento.

Três ou quatro dias, não fora mais que isso, se bem que o turbilhão de emoções que se seguiram lhe deixaram os pormenores da recordação

algo enevoados. Nesse espaço de tempo, Olga revelara-se a mesma apaixonada e melosa de sempre, ao telefone ou nas mensagens que trocavam. Na última noite transalpina, Olga telefonou-lhe. Algo na voz dela surgiu ao ouvido de Gabriel como um alerta. Sentiu-se imediatamente tenso, como se adivinhasse que algo mau aí vinha. Se pudesse, teria desligado a chamada e atrasado o mais possível o que não queria ouvir. Fingiu não perceber e recebeu a voz dela com:

— Olá, amor!

— Olá, Gabriel!

Pois... Não houve um "olá, amor" no outro lado como era usual.

— Está tudo bem?

— Temos de falar.

— Estamos a falar, Olga. — retorquiu sem perceber que a sua voz adoptava um tom agreste em defesa.

— Aconteceu algo.

— Que aconteceu, Olga?

A resposta foi a respiração dela.

— Estás bem, Olga? — insistiu quase como se desejasse que ela lhe fosse contar uma fatalidade ao invés do que adivinhava estar para vir.

— Não sei como hei de te dizer isto, Gabriel.

— Experimenta usar uma coisa que se chama "palavras". — atirou, tremendo, mas com a voz firme.

— Não precisas de falar assim.

— Estás a deixar-me preocupado e não desembuchas. Que se passa Olga?

— Quero terminar a nossa relação! — afirmou segura, quase sem respirar.

— O quê? Porquê? Onde vem isso agora?

— Aconteceu algo...

— Foda-se, Olga! Já ouvi essa merda. Que aconteceu? Diz de uma vez!

— Eu e o pai da Íris... Nós.... Aconteceu.

— Aconteceu o quê? Ao menos, sê crescidinha e diz as coisas como gente adulta. — rosou ele, furioso.

— Fizemos sexo. — respondeu ela num tom agressivo. — Fomos para a cama um com o outro. Fodemos. Ele comeu-me, eu comi-o a ele. Satisfeito?

Gabriel não respondeu. Sentiu a mágoa, a dor da traição percorrer-lhe o corpo. Uma fúria imensa atravessou-lhe a espinha, teve vontade de partir o telemóvel em mil pedaços.

- Percebes agora porq...
- Vai pró caralho, Olga!
- Não seja mal-educado.
- Antes mal-educado que puta.

Novo silêncio. Gabriel esperou que ela dissesse algo. Só houve silêncio por alguns momentos. Por fim, a voz de Olga surgiu fria como gelo.

— Ok, Gabriel. Apesar de não concordar, talvez mereça que me chames isso. Seja como for, quis só informar-te que está tudo acabado entre nós. Adeus!

— Espera! — pediu ele sem atenuar minimamente o tom rude. — Isto não acaba assim só com um "adeus".

— Não tornes as coisas mais difíceis. Nós já não temos mais...

— Não me refiro a ti. — interrompeu. — A Íris...

— Que tem a Íris?

— Quero despedir-me dela.

— Isso é desnecessário. Nem me parece que lhe faça bem passar por isso.

— Porquê? Eu gosto da tua filha, não quero desaparecer assim da vida dela, como se me tivesse evaporado.

— Tu és *apenas* o namorado da mãe. Neste caso, um *ex*-namorado. Daqui a dois ou três dias já nem se lembra de ti.

— Como podes dizer isso, Olga?

— Adeus, Gabriel!

— Olga!

Ela desligou-lhe a chamada na cara.

IV

— Nunca mais as viste?

Gabriel olhava para as mãos com os olhos vagos nas recordações.

— Só uma última vez, Phil. — relatou. — Quando regressei, decidi estupidamente ir a Oeiras e forçar um reencontro. Para te ser sincero, não sei bem o que esperava fazer, quando a visse. Estava tão magoado, tinha o coração esfrangalhado.

— E reencontraste-a? — questionou o psicólogo. Gabriel anuiu. — Que aconteceu?

As luzes da sala haviam ganho uma tonalidade mais forte com o escurecimento lento do exterior. Phil mantinha a sua posição, atento, ouvinte, sentado na poltrona. Gabriel atravessava uma onda de trevas a recordar os momentos mais horríveis da sua vida.

— Por coincidência, quando cheguei e estacionei o carro, vi-a sair do prédio com a filha e o ex. Vinha com um ar apaixonado, de mão dada com ele. Vi-os beijarem-se, o que me provocou uma sensação semelhante a um soco no estômago. Queria bater em ambos. Só que, logo de seguida, reparei no rosto feliz da Íris. Conhecia-a há tempo suficiente para perceber como estava feliz por os pais estarem juntos. Em todo aquele cenário, eu era a figura deslocada, era eu quem não pertencia ali. A única pessoa... — Fez uma pausa, procurando as palavras. — A única culpada era a Olga. Fora ela quem me fizera acreditar numa mentira. Nem sequer culpava o gajo, fizera o seu papel, reconquistara a mãe da filha. — Nova pausa. Na mente de Gabriel, o rosto de Íris. — E jamais faria qualquer coisa que quebrasse a felicidade da miúda. A criança não merecia. Sei que gostava de mim, mas eu não era nada ao lado do pai.

— E elas? Viram-te?

Gabriel abanou a cabeça.

— Não. Os três prosseguiram o seu passeio até desaparecerem na esquina seguinte. E eu fui-me embora para sempre.

— Nunca mais soubeste nada delas?

— Não quis saber. Apaguei-as completamente da minha vida.

— E depois disso? Não houve mais ninguém?

— Depois disto, atravessei as trevas. Queria desaparecer. — Gabriel olhou para a expressão inquiridora de Phil. — Não, Phil, não me tentei matar. Estava na merda, mas não ao ponto de querer acabar com a vida. Queria desaparecer dali, dos sítios que me faziam lembrá-la.

— Foi por isso que vieste para o Canadá?

Ele anuiu.

— Recuperei a proposta e, na altura, pareceu-me o melhor caminho. Desfiz-me de tudo o que tinha em Portugal e parti para nunca mais voltar.

— Nunca mais voltaste a Portugal?

— Não.

Phil esperou que Gabriel prosseguisse o relato, mas ele limitou-se a pegar no telemóvel e a analisar as chamadas não atendidas, uma vez que mantinha o aparelho silencioso sempre que ali ia.

— Foi por isso que te fechaste ao Mundo?

— Como assim? — questionou Gabriel, olhando para Phil. — Não me fechei ao Mundo. Apenas limitei o acesso das pessoas ao meu.

— Que conclusão tiras dessa decisão, ao fim destes anos?

— Que foi a melhor decisão que tomei. Não preciso de merdas destas na minha vida, Phil. Não preciso de acreditar em fantasias para ser despertado para a realidade. E se tens dinheiro, podes ter tudo sem chatices.

— No entanto, aí estás tu, mergulhado em angústia e solidão.

— Como é que se costuma dizer, Phil? O que não nos mata, torna-nos mais forte.

Phil assentiu irónico, não partilhava daquela visão.

— Acho que devias repensar o futuro. Talvez te surpreendesses, se deixasse alguém...

— Pois, pois. Ambos sabemos onde isso me levaria. — contrapôs Gabriel. Tornou a olhar para o telemóvel. — Tenho de ir. Obrigado por este bocado, Phil.

A cúpula do Rogers Centre tinha razão, a chuva vinha a caminho. Quando Gabriel regressava a Toronto pela Gardiner Expy, a noite caía e os aguaceiros grossos embatiam no para-brisas do Ferrari. Enquanto fez o trajecto entre Mississauga e Toronto, Gabriel aproveitou o sistema de som ligado ao *smartphone* para responder aos telefonemas. Não era a melhor das oportunidades para conduzir e falar ao telefone ao mesmo tempo, mesmo em versão "mãos-livres", mas tinha o tempo limitado e queria inteirar-se dos assuntos antes de chegar ao compromisso desse início de noite, o jogo de basebol na casa dos Blue Jays.

Nenhum dos telefonemas mereceu o tempo que lhe tiraram. Nada de relevo, pontos de situação relativos a potenciais interesses de clubes, um ou outro agente a propor um acordo para que ele ajudasse na contratação de um seu agenciado, enfim... Nada que lhe interessasse, nem para o qual tivesse paciência, tal como aquele jogo a que ia.

Quem o convidara para assistir também lhe reservara um lugar no parque privativo do estádio. Aliás, era habitual ter acesso a um lugar para o seu F8 sempre que ia aos jogos de basebol, o que era raro. Preferia o seu lugar intocável no ScotiaBank Arena e despender tempo a ver os Maple Leafs ou os Raptors. Contudo, sabia que o convite se prendia com negócios, daí que não pudesse... não devesse recusar.

Encontrou algumas caras conhecidas que cumprimentou, mas com quem não perdeu muito tempo. Subiu pelo elevador e foi sair a um dos luxuosos pisos de camarotes. Sabia onde o tipo estava, o camarote era dele, um dos directores do clube.

Algumas dezenas de pessoas circulavam pelo corredor, a maior parte equipada com um qualquer adereço identificativo dos Blue Jays. Gabriel sorriu sozinho, certo de que quando se iniciassem as épocas da NHL e NBA, aquele estádio teria muito menos espectadores sempre que os jogos coincidissem com o hóquei ou o basquetebol.

Ao chegar ao camarote, a porta estava aberta. O espaço era semelhante a uma sala de estar com sofás, um balcão e mesas com bancos altos viradas para um grande vidro por onde se poderia ver o campo lá em baixo. Em posição oposta à entrada e logo ao lado desse vidro, uma porta igualmente envidraçada permitia que se acesse às confortáveis cadeiras dos espectadores. O interior era todo em tons de azul, vermelho e branco, as cores dos Blue Jays. Gabriel entrou, reparando nas pessoas que já lá estavam. Viu o director que o convidou, um homem na casa dos setenta anos, vestido com um fato caríssimo, um outro tipo mais novo também com ligações ao clube e envergando a mesma formalidade, uma rapariga de vinte e poucos anos, loura platinada e cheia de curvas com um vestido reluzente e apertado, a qual ele sabia ser relações-públicas do clube, e uma outra mulher que ele não conhecia.

O homem mais velho sorriu-lhe com simpatia e cumprimentou-o. Gabriel apertou-lhe a mão, fez um aceno ao outro homem e sorriu para a RP que se aproximou e se ofereceu para lhe servir uma bebida. Gabriel declinou a oferta, aterrando os olhos na única pessoa que desconhecia. O seu anfitrião reparou e apressou-se nas apresentações.

— Gabriel, é a Rachel. — informou. — A Rachel é representante dos Washington Nationals e veio visitar-nos para nos apresentar uma proposta para o Lewis.

Rachel era uma mulher alta, tão alta quanto ele. Tinha cabelos longos acobreados e um rosto tipicamente americano do sul. Aliás, quando falou, Gabriel identificou-lhe imediatamente o sotaque sulista. Vestia um fato de saia e casaco estilo empresarial em tons claros, elegante e caro. O

rosto era expressivo, uma simpatia protocolar que pretendia cair nas boas graças de quem teria de convencer a levar avante o seu negócio. Tinha olhos azuis, nariz aquilino e uma boca suculenta. Fisicamente não ficava atrás da esbelta RP dos Blue Jays, ainda para mais com aquele ar maduro e sensual.

Gabriel estendeu-lhe a mão com um sorriso, mas as palavras foram dirigidas ao director.

— O Lewis? Vocês sabem que a vender os melhores jogadores, nunca conseguirão ganhar títulos?!

O anfitrião ignorou o comentário e explicou:

— A proposta é muito boa.

Se fosse tão *boa* como quem a trazia, Gabriel sabia que seria difícil recusarem-na.

Lewis era um dos melhores lançadores da equipa. Para quem não sabe muito acerca de basebol, mas já viu alguma imagem do desporto, o lançador é aquele tipo que está no meio do campo a lançar a bola para que esta chegue ao seu colega de equipa atrás do batedor, sem que o batedor acerte na bola. Complicado? Bom, a questão fundamental é que Lewis era talvez o jogador mais influente da equipa.

Por seu lado, Rachel representava os Washington Nationals, outro clube profissional de basebol da MLB, equipa americana sediada na capital dos Estados Unidos, Washington D. C., e candidata às World Series, nome da fase final de apuramento do campeão.

— Prazer em conhecer-te, Gabriel. — disse ela num tom rouco.

Ele leu-lhe a expressão sedutora, sabia que tudo fazia parte de um jogo para o convencer a concordar com a sua proposta. Até onde estaria disposta a ir? O tempo o diria. Correspondeu à simpatia, analisando-a, adivinhando que deveria estar perto da sua idade, apreciando aquela beleza madura de mulher experiente que sabia o que queria e como queria.

No exterior ecoou a música habitual dos eventos desportivos para animar o público. Ainda nem metade da lotação se esgotara. No recinto relvado, alguns jogadores aqueciam e treinavam lançamentos.

— Então a Rachel foi o motivo do convite. — constatou Gabriel, olhando para o director.

O homem riu-se bonacheirão, segurando no copo de *brandy*.

— Espero que não estejas decepcionado. — desejou Rachel, fazendo uma espécie de beicinho.

— Se conseguir evitar que o Lewis saia dos Blue Jays, não fico. — retorquiu Gabriel, entrando no tom dela.

Rachel simulou um semblante magoado.

— Oh... Assim, serei eu a ficar desapontada.

O espaço era iluminado numa tonalidade creme. Porém, a luz pareceu perder força quando a iluminação dos holofotes mergulhou o campo numa onda de brilho.

— Vai começar. — chamou o director.

A zona reservada defronte de cada camarote tinha duas linhas de cadeiras confortáveis, as quais eram limitadas pela beira da bancada. Estavam no piso intermédio. Abaixo deles estava a bancada ao nível do relvado, acima deles os lugares mais distantes e menos caros.

O responsável do clube encaminhou os convidados de forma a que Gabriel e Rachel ficassem sentados ao lado um do outro. Depois, ele sentou-se ao lado de Gabriel, fazendo uma espécie de cerco ao agente desportivo para, juntamente com ela, o convencer a aceitar a proposta que tinham para Lewis. Se convencessem o empresário do jogador, convenceriam o jogador.

Ao longo do início do jogo, Rachel foi falado dos detalhes da proposta, os valores envolvidos para o jogador, o que o clube ganharia com a transacção e quanto caberia a Gabriel. Era mesmo uma proposta ao nível de quem a trazia, interessante, bem estruturada e que dava vontade de agarrar.

Porém, Gabriel não chegara ao estatuto que tinha, a facilitar os negócios à parte contrária, por isso permaneceu impávido como se lhe estivessem a oferecer um quilo de laranjas para concordar com o negócio. Para além disso, passou o jogo todo a elogiar a exibição de Lewis, o qual fez um daqueles jogos de valer o bilhete.

Astuta, Rachel colocou a mão no braço de Gabriel e com um ar sofrido, confessou:

— Não poderemos ir muito além disto.

— Então, é melhor irem até onde podem ir, Rachel.

— Terei de falar com os Nationals, Gabriel.

Ele franziu o rosto, não acreditando que uma empresária na posição dela não tivesse uma margem de manobra para aumentar a parada.

— A sério, Gabriel. — insistiu, afectuosa. — Quero trazer-te algo irrecusável.

— Tudo bem, ficarei à espera.

— Sou capaz de ter novidades, amanhã. Podemos discutir a nova proposta num jantar? — sugeriu ela.

— Não sei. — respondeu Gabriel, voltando-se para o director. — Tens disponibilidade?

Rachel apertou-lhe o braço, chamando o seu olhar para si.

— Acho que podemos resolver a questão entre nós. — Olhou para o director dos Blue Jays. — Não achas, meu caro?

— Claro que sim, Rachel.

Ela tornou a encarar os olhos de Gabriel.

— Então, que me dizes? Amanhã à noite?

Para surpresa dela, com certeza pouco habituada a ser rejeitada, Gabriel recusou e apresentou como alternativa que ela passasse no seu escritório no dia seguinte à tarde.

A empresária teria preferido um jantar, num ambiente intimista, onde pudesse fazer algum jogo de sedução para o convencer. Na verdade, não estava surpreendida, Gabriel era um dos melhores agentes de jogadores da América do Norte, por isso, teria de jogar nas regras dele.

O ambiente no gabinete de Gabriel estava luminoso, tal como a cidade que, naquele dia, trocara a chuva pelo Sol radioso. Ele aguardava sentado na sua cadeira atrás da mesa de trabalho, analisando o contrato que obtivera o parecer favorável do seu advogado.

Na hora marcada, Francis surgiu na entrada acompanhado pela pessoa que combinara aquela reunião com ele. Gabriel levantou-se e recebeu Rachel com um sorriso protocolar, enquanto Francis regressou ao seu posto na recepção.

Rachel apresentava-se no mesmo estilo de vestuário de mulher de negócios, como acontecera no Rogers Centre. Desta vez, o fato era mais escuro, mas combinava na perfeição com o seu tom de cabelo. Gabriel reparou que a camisa dela tinha dois botões a mais desapertados, certamente com o intuito de o distrair para o decote.

Gabriel convidou-a a sentar no sofá.

— Tens aqui um belo espaço. — constatou ela, sentando-se numa das pontas do sofá.

Ele não se pronunciou e sentou-se na extremidade oposta, deixando espaço suficiente, entre eles, para que outras duas pessoas se sentassem.

Abrindo a sua mala de trabalho, Rachel retirou uma folha impressa com as insígnias dos Nationals e entregou-a a Gabriel. Ele pegou no papel e leu-o com atenção. Não havia dúvidas que queriam mesmo o Lewis, uma vez que aumentavam bastante os valores envolvidos.

— É o máximo que podemos oferecer. — confessou ela.

Gabriel fez uma expressão desconfiada. Rachel contrapôs com um sorriso sedutor e num tom fingido de vulnerabilidade, revelou:

— Acredita, Gabriel. Eles não vão dar mais que isso. Acima desses valores, só se for eu a pagar. — Sorriu. — E eu não tenho dinheiro para isso.

Ele ia aceitar e sabia que Lewis aceitaria logo que visse a proposta. Era muito mais que aquilo que auferia em Toronto. No entanto, estava curioso com aquele jogo de sedução que Rachel vinha a fazer desde que a conhecesse.

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

— Esperava mais... — suspirou Gabriel.

Rachel revelou surpresa no olhar.

— Por favor, Gabriel. Isso é uma proposta multimilionária.

Ele ignorou a frase.

— Tu também vais lucrar bastante com isto, Rachel.

— Tal como tu.

Gabriel pareceu ponderar a questão. Percebeu que trazia uma certa irritação no espírito, uma irritação que o corroía desde que estivera a reviver os últimos anos em Portugal, na sala de Phil. Odiava quem se aproveitava dele, principalmente mulheres que faziam charme para o enganar. Sentia que Rachel o procurava seduzir para o levar a fazer o que ela queria, tal como Olga o enredara numa malha de amor que não fora mais que uma ilusão amarga de um falso sentimento. Olga usara-o até recuperar o ex-marido, Rachel queria usá-lo para lucrar com a mudança de Lewis dos Blue Jays para os Nationals.

Na vida só precisamos de saúde e dinheiro. O resto compra-se!

Seria Rachel capaz de se vender?

Na sua mente, Gabriel equacionou até onde estaria ela disposta a ir para o convencer. No dia anterior, sugerira um jantar. Todos os sinais que vinham dela apontavam para a selagem do acordo no quarto de hotel onde estava hospedada. A verdade é que não tinha paciência para esse tipo de jogos, gostava de ser prático, daí a lista de dez nomes quando se queria envolver com alguém. Dar-lhe-ia um certo gozo colocar-lhe as cartas na mesa, apresentar a contraproposta de "eu aceito o acordo se formos para a cama". Não. Queria algo mais imediato, do género "despes o casaco e a camisa, fazes-me uma mamada agora e eu aceito o acordo". Ia ainda a pensar noutra hipótese, quando a voz dela o despertou das fantasias.

— Olha, Gabriel, nós não nos conhecemos. Sei o que estás a pensar.
— Não, não sabia. — Que estou a fazer *bluff*, que posso ir mais longe. Não posso. A sério que não posso. — Havia algo de genuíno na voz dela, falava com frontalidade, sem esquemas, longe do ar de sedução e numa postura profissional. — Tenho pena, não só pelo dinheiro que não vou ganhar, mas porque gostava de realizar um negócio com alguém com o teu prestígio.

— Sou apenas um empresário de desporto como tu. — retorquiu, sentindo-se estúpido pelas ideias que lhe passaram na cabeça.

— Já ando nisto há vários anos, mas não tenho o teu prestígio. — concluiu com um sorriso cansado.

Sem saber explicar porquê, Gabriel sentiu uma súbita simpatia por ela.

— Não te preocupes. — descansou-a. — Eu aceito esta proposta.

Ela ofereceu-lhe um sorriso radioso de uma felicidade genuína.

— Fico a dever-te uma.

— Não me ficas a dever nada, Rachel. — recusou, retribuindo o sorriso. — São negócios e ambos ganhamos com eles.

Gabriel calculou que a sua aceitação levasse ao fim daquela reunião. Contudo, Rachel não se mexeu e ficou a olhar para ele. Que queria ela? Pensou em fazer aquele gesto típico de olhar para o relógio e dizer "bom, penso que está tudo tratado".

— Não te sentes só?

A pergunta dela atingiu-o com surpresa. Ficou confuso. Onde pretenderia chegar? Já tinha o que queria. Ponderou as intenções dela. Haveria algum interesse para além do comercial?

Rachel não esperou a resposta e continuou:

— Não sei o que pensas sobre isso, mas acho esta vida muito solitária. Eu sinto-me solitária.

E que tenho eu a ver com isso, interrogou-se Gabriel. Pouco ou nada lhe interessava a vida dela.

— Tenho quarenta e três anos. — Parecia mais velha. — Sou uma empresária de sucesso, realizada profissionalmente, mas... Ando sempre de hotel em hotel, a atravessar a América de ponta a ponta ou o Canadá. Quando chego a casa... — Fez um ar triste sem qualquer pretensão de representar. — Enfim...

Gabriel percebeu que ela queria apenas desabafar, vendo-o como um igual, e procurando nele um espelho de si própria, como se Gabriel tivesse alguma solução. Perante o silêncio dele, ela acabou por dizer:

— Desculpa, Gabriel. Não quero estar a maçar-te com as minhas tretas. Imagino que tu não passes pelo mesmo. Nem te conheço, se calhar